

Assim, a maneira como o homem Lars Grael enfrentou a luta pela vida, a aceitação de sua nova condição, os novos desafios, as mudanças de planos e objetivos, a luta contra o preconceito e as novas vitórias no esporte e na gestão pública, motivaram o convite para a palestra como um instrumento de liderança pelo exemplo e pela motivação aos militares-alunos em formação no CIASC.

Por fim, o atleta pode ser considerado um soldado da pátria no esporte, e o militar Fuzileiro Naval, um soldado da pátria na defesa nacional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CARNEIRO, Marcelo. De volta à vida. **Veja**, Rio de Janeiro, 7 jan.2004. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/070104/entrevista.html>>. Acesso em: 29 jul. 2008.
2. ALVES, Marcos. Bons ventos. **NovaFisio**, Rio de Janeiro, jul/ago.2005. Disponível em: <[http://novafisio.com.br/entrevista\\_lars.htm](http://novafisio.com.br/entrevista_lars.htm)>. Acesso em: 29 jul. 2008.
3. GRAEL, Lars. Site pessoal. Disponível em: <<http://www.larsgrael.com.br/conteudo.asp?cdContent=8>>. Acesso em: 29 jul.2008.

# Operação Chavín de Huantar: uma demonstração de valiosos preceitos na condução de uma tática de operação

I Ten(RM2-S) Sheila Fontes Miliante

Em 23 de outubro do corrente ano, o Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo, na busca do aprimoramento técnico-profissional da sua tripulação, recebeu a visita do Ilmo. Sr. CF VICTOR ROBLES, que proferiu palestra versando sobre a operação CHAVIN DE HUANTAR na Embaixada Japonesa, em território peruano.

Operação bem-sucedida de resgate de reféns, executada por tropas peruanas, teve como aspectos importantes apresentados pelo palestrante: o seu longo tempo de duração, a influência exercida pela mídia internacional sobre ela, a importância do seu planejamento detalhado e a capacidade de adaptação das tropas peruanas frente aos imprevistos ocorridos por ocasião do assalto à Embaixada.

Todos os presentes ao evento agregaram como conhecimento os ensinamentos proferidos e puderam verificar que situações de crises com confinamento de reféns devem ser tratadas com seriedade e com tropas de alto grau de prontidão e adestramento.

## A OPERAÇÃO

Em 19 de dezembro de 2006, a cidade de Lima, no Peru, abateu-se com a notícia de uma invasão à residência do Embaixador do Japão, durante uma recepção com cerca de 800 convidados, dentre os quais estavam presentes personalidades políticas, civis e militares, em celebração à festa de aniversário do Imperador deste país.

Tratava-se de uma ação do grupo terrorista Movimento Revolucionário Tupac Amaru (MRTA), contando com quatorze membros que planejaram a ação em prol da libertação de 400 de seus companheiros, também membros desse grupo terrorista, que cumpriam pena em prisões peruanas.

Desde o primeiro momento, os olhos do mundo voltaram-se para o Peru, aguardando qualquer reação do governo de Alberto Fujimori, que adotou uma política de espera, recusando-se a atender a qualquer demanda dos seqüestradores. As negociações com os terroristas em prol da libertação dos reféns



CF Victor Robles apresentando palestra sobre a operação.

mantinham-se infundáveis. Em paralelo, o governo decidiu por adotar uma tática de desgaste psicológico contra os terroristas, que tiveram a luz e a água da Embaixada cortadas; carros com alto-falantes circulavam ao redor do prédio, tocando músicas militares e canções patrióticas; grupos de policiais bem protegidos jogavam pedras no prédio, disparavam tiros para o ar e gritavam palavrões, privando-os de sono e descanso, na tentativa de provocar uma reação.

Junto à tática de enervação aos terroristas, uma força de elite treinava e se equipava para uma possível operação de resgate. Os militares peruanos conseguiram infiltrar um repórter na Embaixada para que pudessem obter informações sobre o prédio, quantos eram e que armamentos os terroristas possuíam, além de se inteirarem a respeito da real situação dos reféns.

Mesmo com a divulgação de notícias pelas rádios, de que os militares treinavam um grupo incursor e que túneis estavam sendo cavados em direção à Embaixada como uma tática de ação para uma possível invasão, os terroristas permaneciam confiantes

de que a opinião pública não permitiria um ataque militar ao prédio. O grupo revolucionário relaxou e passou a viver uma rotina diária tranqüila, com ações que contribuíam para certo grau de envolvimento amigável entre reféns e terroristas, que chegavam a organizar, juntos, partidas de futebol. Os terroristas pouco reagiram à ação dos militares: apenas trocaram o alojamento dos reféns do térreo para o primeiro andar do prédio, ação que eventualmente ajudou a diminuir o risco de ferimentos por ocasião da explosão para a entrada do grupo de resgate.

Apesar de considerados incapazes de deflagrarem uma operação infalível em resposta à invasão, as Forças Especiais e a Polícia peruana atuaram de forma minuciosa e disciplinada no trabalho de inteligência militar, técnica e humana, selecionando seus melhores membros entre todas as Forças Armadas e se transformando numa única unidade coesa, que passou a atuar, com apreciação permanente da situação, de forma flexível, tranqüila e submissa, o que levou os terroristas a relaxarem sua vigilância, certos de que obteriam todas as suas solicitações.

O grande golpe estratégico da invasão ao prédio pelos militares iniciou-se na noite anterior, quando metade da força de 142 comandos deslocou-se para próximo ao edifício e, silenciosamente, começou a tomar suas posições de ataque. Outros setenta militares formaram um perímetro externo ao redor do prédio e oito *snipers* posicionaram-se em prédios adjacentes para dar fogo de proteção. O pessoal restante foi dividido em três grupos de ataque.

O presidente Alberto Fujimori deu a ordem para o ataque no dia 22 de abril de 1997, quatro meses após a invasão da Embaixada pelo MRTA, o qual foi iniciado com explosões causadas por cargas que foram inseridas, cuidadosamente, debaixo dos pisos da sala principal e da cozinha, através dos túneis que haviam sido cavados.

O primeiro grupo emergiu de um túnel cavado até o jardim da Embaixada, atacou as áreas de serviço e subiu até o segundo

andar. Um segundo grupo, que havia arrebatado o portão oeste do complexo, tomou a entrada principal da Embaixada e os lados norte e sul do prédio. O terceiro grupo escalou o muro norte do perímetro. Cargas de demolição foram usadas para abrir buracos nas paredes do prédio, e os atacantes partiram em busca dos reféns. Um minuto apenas depois de ouvida a primeira explosão, os comandos já entravam no prédio principal. O resgate de todos os 72 reféns durou apenas 28 minutos, quando a bandeira do MRTA, que havia sido hasteada por ocasião do ataque terrorista, já se encontrava arriada e queimada. Nenhum terrorista sobreviveu ao ataque.

A Operação Chavín de Huantar obteve um êxito tático jamais imaginado, demonstrando, em nível operacional, profissionalismo e treinamento tecnificados dos executores, maturidade para atuar no momento decisivo, ímpeto dos militares enviados à histórica ação, coordenação milimétrica e decisão precisa, a partir de um sistemático trabalho de Estado-Maior, demonstrando valiosos precedentes na condução desse tipo de operação, podendo ser definida como clássica.

Por ocasião da palestra, pode-se verificar que nem todas as ações planejadas foram executadas com perfeição, haja vista que, por mais detalhadas que fossem as informações e os treinamentos, havia fatores desconhecidos que, em determinados momentos, interferiram nas ações correntes. Fica o ensinamento de que a atenção no controle da ação em curso é fundamental para o sucesso de qualquer operação.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

LINDSEY, George Lee. Operação Chavín de Huantar: a retomada da Embaixada do Japão em Lima. **SOF – História**, Brasília, 10 mar.2008. Disponível em: <[http://www.defesanet.com.br/sof/chavin\\_huantar.htm](http://www.defesanet.com.br/sof/chavin_huantar.htm)>. Acesso em: 10set.2008.

## Entrevista com o CMG(FN-RM1) Wagner Junqueira de Souza, Comandante do CIASC no período de 13/03/1997 a 11/02/1999

**CIASC: Na visão do Sr., qual a importância do CIASC para o CFN?**

**CMG (FN-RM1) JUNQUEIRA:** Não se pode falar no nosso CFN de hoje sem que nossa mente perscrute a década de cinquenta no século passado, mais especificamente o mês de dezembro de 1955, quando foi inaugurado o Centro de Instrução do Corpo de Fuzileiros Navais. Entendo que por uma questão de justiça e de reverência, não devemos discorrer sobre o nosso Centro de Instrução sem que abordemos uma breve biografia de seu idealizador e grande protagonista - o Almirante Sylvio de Camargo. Pode-se afirmar que a história do nosso Centro se confunde com momentos intensamente vivenciados pelo Alte. Camargo tendo em vista a sua criação.

Mineiro, e dos bons, nascido em 16 de fevereiro de 1902 em uma pacata cidade do sul de Minas Gerais (SANTA RITA DO SAPUCAÍ), deu início à sua carreira militar ao

ingressar na Escola Naval em 1919, tendo sido nomeado Guarda-Marinha em 1922.

Como Segundo-Tenente do Corpo da Armada e por questões meramente circunstanciais, travou contato com uma tropa de Fuzileiros Navais, ocasião em que percebeu que lhes faltava conhecimento doutrinário adequado, apesar de reconhecê-los valorosos, por possuírem disciplina e extrema dedicação ao trabalho. Percebeu, também, que a própria Marinha não possuía acervo doutrinário apropriado ao emprego dessa tropa em operações navais de caráter terrestre. Esse fato marcou sobremaneira a trajetória de sua carreira, fazendo com que, desde cedo, jamais perdesse o foco de buscar soluções para o aprimoramento profissional dos Fuzileiros Navais.

Como Capitão-Tenente, por volta de 1929, foi convidado para servir no Regimento Naval, o que aceitou prontamente. Após a criação do Corpo de Fuzileiros Navais, em 1932, o então Capitão-Tenente Sylvio de Camargo foi